



livros recebidos

CRUZ, Raimundo José Barros

**Compreensão e diálogo: contribuições da hermenêutica
gadameriana à educação.**

Passo Fundo: Ed. Universidade de Passo Fundo, 2010, 112 p.

Prefácio

A pergunta sobre o que significa formar seres humanos e educar sujeitos num contexto de sociedades plurais e complexas é um dos grandes desafios educacionais atuais e que baliza o ponto de cruzamento do diálogo produtivo entre filosofia e educação. No entanto, sem o recurso crítico à tradição, da qual somos herdeiros, direta ou indiretamente, tal diálogo ficaria prejudicado. Neste contexto, a idéia de formação constitui o *pathos* do diálogo entre filosofia e educação.

O parágrafo acima anuncia um conjunto complexo de idéias que precisa ser desmembrado. Tais idéias alinhavam um amplo e coletivo projeto de investigação, que demanda muito esforço e diferentes ações, nas quais também se insere, em certo aspecto, o livro *Compreensão e diálogo* de Raimundo José Barros Cruz.

O conceito de formação tem uma longa história, enraizando-se profundamente na tradição da cultura ocidental, tanto filosófica como pedagógica. A *Paidéia* grega, a *Humanitas* renascentista e a *Bildung* iluminista são exemplos expressivos dessa história. Embora tais exemplos foram gestados em contextos sócio-culturais bem diferentes, possuem de semelhante entre si o esforço de colocar o trabalho cuidadoso, longo e permanente que cada sujeito deve fazer sobre si mesmo, em companhia com os outros, no centro do processo educacional humano.

Outro aspecto relevante da *Paidéia*, da *Humanitas* e da *Bildung*, tomadas como fontes de experiência pedagógica e reflexão filosófica, consiste em tomar esse trabalho cuidadoso do homem consigo mesmo numa perspectiva integral, buscando considerá-lo tanto em sua dimensão corporal como mental, sensitiva como racional. Em síntese, o formar-se a si mesmo, o lapidar-se a si mesmo é tomado como referência indispensável para a individualização social autônoma e isso parece estar no centro dessas três formas de experiência e reflexão históricas.

Se o diálogo com a tradição é indispensável para descobrir quem somos e, ao mesmo tempo, o que precisamos fazer para nos tornarmos melhor, tal diálogo por si só não é suficiente e, por isso, também não pode ser feito no sentido simplesmente de querer aplicar os ensinamentos herdados do passado na resolução de problemas atuais. Uma vez conduzido de modo crítico, o diálogo com a tradição deve ser capaz de mostrar os limites e a incompletude que são inerentes a toda e qualquer experiência histórica. Deve poder mostrar, portanto, por exemplo, que nas experiências acima aludidas, o forma-se a si mesmo não contemplava, pelo menos de uma maneira tão clara e decidida, a perspectiva intersubjetiva, ou seja, a inclusão da perspectiva do outro na minha própria ação, como uma decisão político-moral, mas também de natureza pedagógica.

Ora, não podemos enfrentar os diferentes problemas que surgem dos contextos sociais plurais, marcados pela desigualdade econômica e social, sem levar em conta a perspectiva do outro. É nesse sentido que se compreende também a centralidade que a idéia de intersubjetividade assume no debate filosófico e pedagógico contemporâneo. Com isso, talvez temos condições agora de precisar ainda melhor a questão de fundo: em que sentido a noção de intersubjetividade constitui a referência para um diálogo produtivo entre filosofia e educação, concebido tal diálogo como forma de tratar o processo formativo-educacional humano em contextos de sociedades complexas? Em que sentido a intersubjetividade permite atualizar a própria idéia de formação?

Encontramo-nos diante de questões amplas e difíceis, cujo tratamento e, sobretudo, a resposta, não podem ser dados num simples piscar de olhos. Mas justamente aí que localiza-se a contribuição que o estudo de Raimundo oferece para esta enorme tarefa, a qual não pode ser levada a cabo por um só pesquisador e, obviamente, nem ser

respondida de modo definitivo. A contribuição que o livro *Compreensão e diálogo* oferece reside, antes de tudo, em ter tomado o conceito de interação como uma das formas de problematização da noção de intersubjetividade e de tê-lo investigado no âmbito da tradição hermenêutica. O autor faz, inicialmente, um breve recurso ao problema da faticidade em Heidegger para, em seguida, reconstruir a noção gadameriana de diálogo. Este percurso preparou-lhe as bases para refletir sobre alguns aspectos da interação dialógica no contexto pedagógico.

Com soberania no manuseio dos textos escolhidos e com clareza na argumentação, o autor persegue sua questão investigativa, já anunciada com todas as letras na introdução do trabalho: “Em que sentido a hermenêutica, considerando-se o conceito de interação dialógica, pode contribuir para pensar a relação ensino-aprendizagem e mais especificamente, a relação professor e aluno?”.

Prof. Dr. Claudio A. Dalbosco – UPF/CNPQ